Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172

Risco de morte por tumor no cérebro é reduzido em 61%

Efeito é observado em pacientes com glioma de baixo grau que receberam a droga vorasidenibe. A substância também desacelera a progressão da doença. Pesquisa foi apresentada no encerramento do mais importante congresso de oncologia

» PALOMA OLIVETO

Em mais de duas décadas, nenhum medicamento novo beneficiou pacientes de glioma de baixo grau, um tipo de tumor cerebral que atinge especialmente homens jovens e saudáveis. Um estudo apresentado no congresso da Sociedade Norte-Americana de Oncologia Clínica (Asco), que encerrou, ontem, em Chicago, nos Estados Unidos, traz esperança de uma droga que reduziu em 61% o risco de morte e a progressão do tumor. A substância vorasidenibe também retardou o uso de uma terapia tóxica, comparada ao placebo.

O estudo Indigo é o primeiro de fase 3 com grupo de controle voltado ao glioma de grau 2 com uma mutação chamada IDH1/2. Embora o prognóstico da doença seja melhor do que o de tumores com outro perfil genético, o tratamento atual está defasado e, no geral, os pacientes precisam passar por radioterapia e quimioterapia no começo do tratamento. Na pesquisa, a probabilidade dos participantes que tiveram acesso ao medicamento oral não serem submetidos a essas duas terapias mais tóxicas em 24 meses foi de 83,4%. Já no grupo placebo, o percentual foi de 27%.

"Os pacientes com essa doença são tipicamente jovens, em média na quarta década de vida no momento do diagnóstico. Eles são saudáveis e estão se esforçando para manter uma vida normal, permanecer ativos, trabalhar e criar famílias, apesar do diagnóstico de um tumor cerebral maligno", disse o oncologista Ingo Mellinghoff, do Memorial Sloan Kettering Cancer, nos EUA, na apresentação do estudo. "Os resultados oferecem uma chance de mudar o paradigma de tratamento para esse tipo de glioma e podem trazer a primeira nova terapia direcionada para glioma de baixo grau", completou.

Memorial Sloan Kettering Cancer/Divulgação



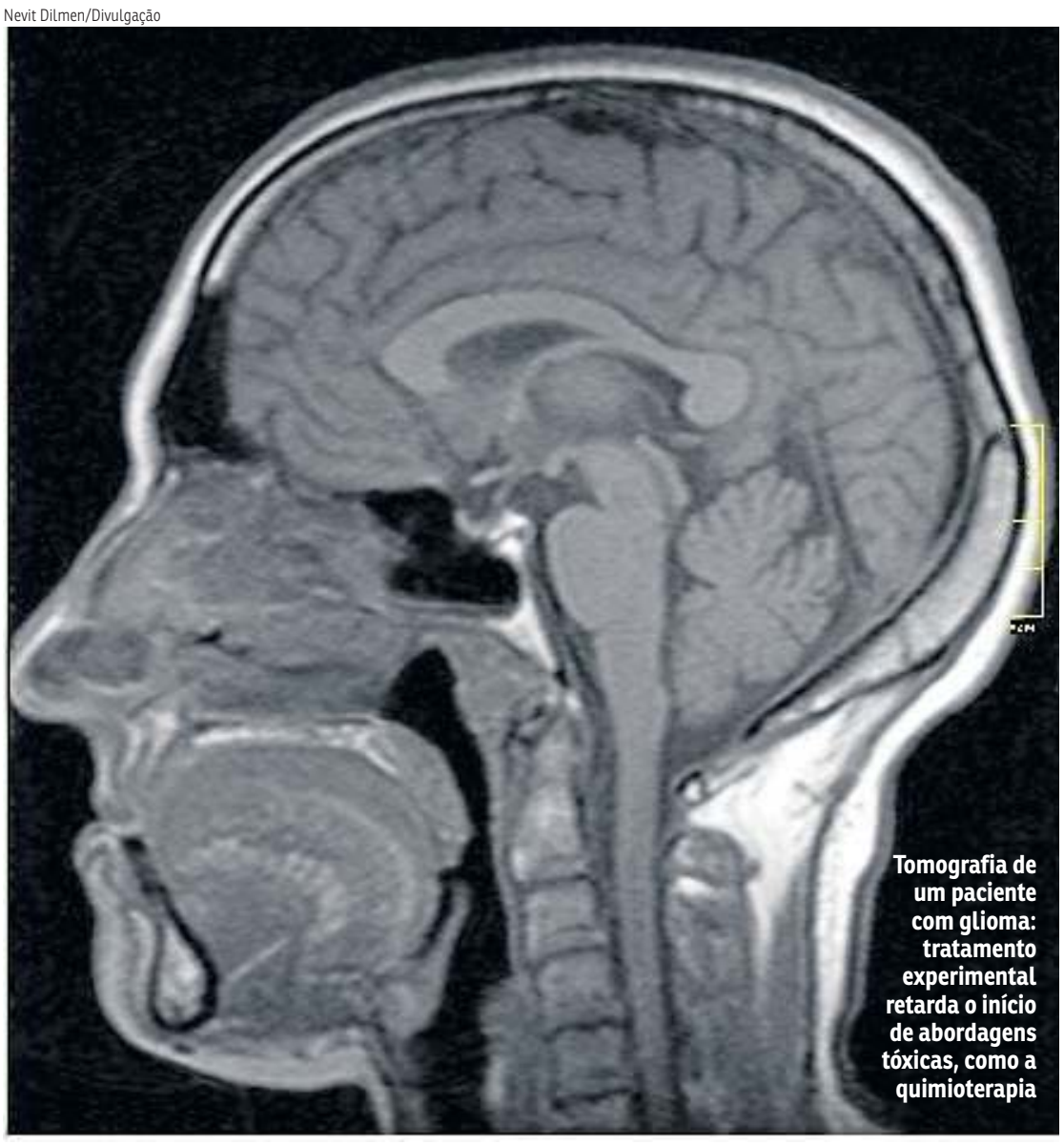
Os resultados oferecem uma chance de mudar o paradigma de tratamento para esse tipo de glioma e podem trazer a primeira nova terapia direcionada"

Ingo Mellinghoff, *oncologista do Memorial Sloan Kettering Cancer*

O Indigo incluiu 331 pacientes com idade entre 16 e 71 anos, diagnóstico de gliomas de grau 2 e mutações IDH1/2 e que haviam sido submetidos a cirurgia para a retirada do tumor. Eles foram divididos em dois grupos aleatórios: o primeiro (168 pessoas) recebeu uma dose diária oral de vorasidenibe e o segundo (163) ficou com placebo. Os ciclos do medicamento foram de 28 dias. O objetivo primário era avaliar a sobrevida livre de progressão da doença, enquanto o secundário foi analisar o tempo até que fosse necessário partir para um novo tratamento (químio e radioterapia).

Em média, nos participantes que usaram o medicamento, a doença voltou 27,7 meses depois do tratamento, versus 11,1 meses com placebo. "Nosso estudo mostra que o vorasidenibe atrasa significativamente o crescimento do tumor e a necessidade de terapias mais tóxicas", destacou Mellinghoff. Os principais efeitos colaterais foram fadiga, dor de cabeça, diarreia, náusea e elevação reversível de uma enzima hepática. A substância foi considerada segura.

Nevit Dilmen/Divulgação



Tomografia de um paciente com glioma: tratamento experimental retarda o início de abordagens tóxicas, como a quimioterapia

"O estudo concentrou-se em pacientes que estavam no período de observação e espera antes do início da radiação e da quimioterapia. Essa janela na doença nos permitiu conduzir um ensaio controlado por placebo com um único agente e identificar um sinal muito claro de atividade da droga", disse o oncologista. "Esse é um projeto muito diferente da maioria dos ensaios atuais em glioma, que se concentram no cenário de doença recorrente ou em combinações com terapias estabelecidas", observou.

Rimas Vincas Lukas, oncologista da Universidade de Northwestern (EUA), que não participou do estudo acredita que o medicamento mudará a forma como a doença é tratada. "A potencial aprovação do vorasidenibe pode atrasar a necessidade de terapias mais agressivas, marcando uma mudança de paradigma nessa doença", afirma. "É realmente um passo importante em direção a uma terapia de câncer menos tóxica e mais precisa para esses pacientes jovens."

Incurável

Embora os gliomas mutantes IDH de grau 2 sejam considerados menos agressivos devido à progressão mais lenta, em comparação com os glioblastomas IDH de tipo selvagem, eles não podem ser curados e causam incapacidade significativa e mortalidade prematura entre os indivíduos afetados, diz o artigo sobre o estudo, publicado na revista *The New England Journal of Medicine*. Após a cirurgia, muitos pacientes são, inicialmente, acompanhados com ressonâncias magnéticas cerebrais em série, antes que a radiação e a quimioterapia se tornem necessárias para manter a doença sob controle.

"À medida que os dados amadurecem, será interessante ver que tipo de impacto o vorasidenibe terá na sobrevida geral", sugere Lukas. "Nessa doença, felizmente os pacientes vivem muito tempo, o que é diferente de muitas das doenças com as quais nós, como neuro-oncologistas, estamos acostumados. No glioma de baixo grau, estamos falando de uma escala de décadas, e não de meses."

O oncologista acredita que a aceitação do medicamento será rápida com a aprovação antecipada da droga para essa indicação, o que já aconteceu nos Estados Unidos. Ele também afirma que os médicos poderão, com o tempo, indicar o vorasidenibe para pacientes que já estão sendo tratados com quimioterapia ou radioterapia e para aqueles com o tumor em estágios mais avançados.

Radioterapia em xeque

A radioterapia pode não ser necessária para pacientes com um tipo de linfoma no mediastino, segundo um estudo apresentado no congresso da Sociedade Norte-Americana de Oncologia Clínica (Asco), que encerrou ontem em Chicago, nos Estados Unidos. A pesquisa, com 530 participantes que utilizaram um imunoterápico, mostrou que, independentemente de ter recebido a irradiação no tumor, 99% deles estavam vivos no tempo de acompanhamento, de 30 meses.

Emanuele Zucca, consultor e chefe da Unidade de Linfoma do Instituto de Oncologia do Sul da Suíça e autor do estudo, disse que a radioterapia era um padrão histórico no tratamento no linfoma primário de células B do mediastino porque os resultados dos pacientes apenas com quimioterapia eram ruins. Porém, desde que a doença começou a ser tratada com uma quimioimunoterapia chamada rituximabe, colocou-se em dúvida a necessidade da irradiação que, além de tóxica, quando realizada no mediastino, pode aumentar risco de câncer de mama, tireoide, pulmão e de doenças coronariana ou vascular.

Agora, os pesquisadores querem começar um estudo para testar se a biópsia líquida, aliada aos tradicionais exames de imagem com PET scan, pode ajudar na tomada de decisões de tratamentos para pacientes que não apresentam uma resposta completa com a quimioimunoterapia inicial. A ideia é que, nesse grupo, também seja possível evitar a exposição à radioterapia.

"Essas descobertas são particularmente importantes para esse tipo agressivo de linfoma, que ocorre com mais frequência em adultos jovens", avaliou, depois da apresentação do estudo, o oncologista Corey W. Speers, do grupo de especialistas da Asco. "Os dados tranquilizadores demonstram que os pacientes com linfoma primário de células B que apresentam uma resposta rápida à quimioimunoterapia de dose intensiva inicial apresentam excelentes resultados com uma probabilidade muito baixa de recidiva do câncer independentemente de receberem radioterapia de consolidação como parte de seu tratamento. Isso significa que esses pacientes podem renunciar com segurança à radiação e seus efeitos colaterais sem comprometer a sobrevida." (**PO**)

European Society for Medical Oncology/Divulgação

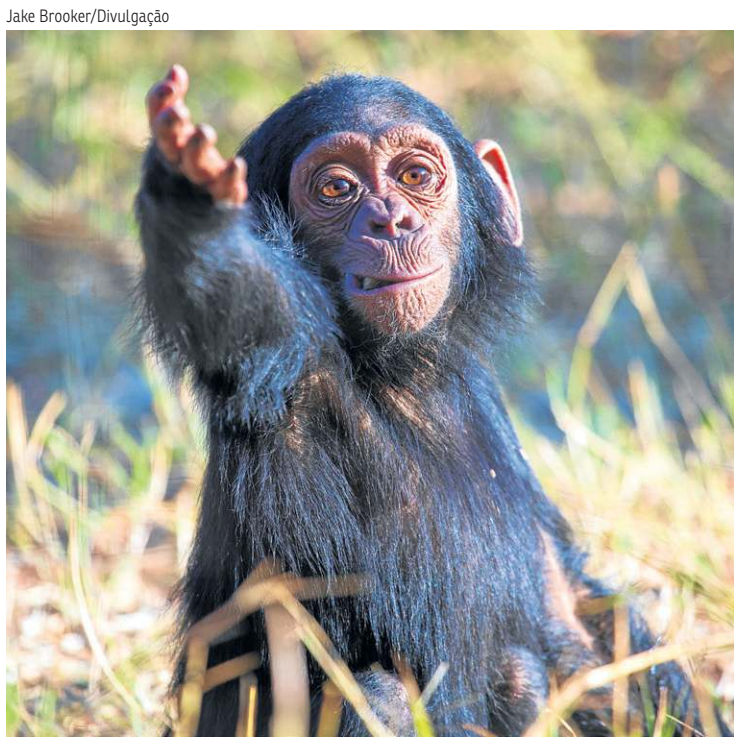


Emanuele Zucca, autor do estudo: 99% dos pacientes com linfoma no mediastino sobreviveram sem receber radiação

PRIMATAS

Jovens chimpanzés combinam formas de comunicação

Jake Brooker/Divulgação



Estratégia pode ser semelhante a habilidades de bebês humanos

Jovens chimpanzés combinam diferentes gestos, vocalizações e expressões faciais de uma forma que ecoa o desenvolvimento da comunicação em bebês humanos, de acordo com uma nova pesquisa. Psicólogos da Universidade de Durham, na Inglaterra, descobriram que esses animais mesclam diversos sinais comunicativos, o que pode ajudá-los a serem mais bem compreendidos por outros do grupo em diferentes situações, como brincar ou lutar. Essa habilidade se desenvolve durante a infância e a adolescência.

Os sinais combinados incluíam a combinação de rostos brincalhões de boca aberta com risadas, tocar outro chimpanzé enquanto choramingava e mostrar os dentes enquanto chia. Os pesquisadores dizem que entender essa forma "multimodal" de sinais pode lançar uma luz importante sobre como a comunicação evoluiu nos humanos e em nossos parentes símios mais próximos, além de nos contar mais sobre como surgem nossas habilidades de linguagem. O estudo, que também envolveu a Universidade de Portsmouth, foi publicado na revista *Animal Behaviour*.

Os pesquisadores observaram 28 chimpanzés semisselvagens, com idade entre 1 e 11 anos, no santuário Chimfunshi Wildlife Orphanage Trust, em Zâmbia. Enquanto estudos anteriores sobre macacos analisaram amplamente diferentes formas de sinais de comunicação isoladamente (gestos, vocalizações, expressões faciais), as novas descobertas analisaram como os animais combinaram essas manifestações diversas para ver como isso se desenvolveu com a idade e em circunstâncias variadas.

Os pesquisadores descobriram que os chimpanzés usavam consistentemente sinais de comunicação autônomos — como grunhidos, movimentos dos braços ou expressões faciais — em todas as idades e em diferentes situações. No entanto, eles também observaram que, à medida que os animais envelheciam, eram mais propensos a combinar diferentes tipos de comunicação.

Esse foi especialmente o caso quando os chimpanzés estavam respondendo a agressões ou brincando, duas situações em que é importante deixar claro o que estavam comunicando, a fim de evitar consequências arriscadas, disseram os pesquisadores. Os chimpanzés adolescentes mais velhos estudados também eram mais propensos a usar a combinação comunicativa em vez de gestos ou expressões individuais, especialmente durante cenários de conflito.

"Quando pensamos na linguagem humana, sabemos que é uma combinação de diferentes tipos de comunicação, como fala, expressões faciais e gestos", diz a principal autora da pesquisa, Emma Doherty, pesquisadora de pós-graduação no Departamento de Psicologia da Universidade de Durham. "A maneira como nos comunicamos, provavelmente, tem raízes evolutivas profundas compartilhadas com alguns de nossos parentes vivos mais próximos, como os macacos. Nosso estudo fornece evidências de que a forma como os chimpanzés se comunicam com maior complexidade à medida que envelhecem é consistente com o desenvolvimento da comunicação que vemos em bebês humanos."